

CAPITAL (ISMO) COMERCIAL E A DESINTEGRAÇÃO DO SISTEMA FEUDAL

Max Henrik Marquezan Silva

Acadêmico do curso de História – UEG, Campus CSEH

Resumo: Vários são os artigos e trabalhos acadêmicos que tratam do Sistema Capitalista e suas características econômicas e sociais. Explicações e teses sobre o conceito deste sistema são abordadas com muito fervor, e, paralelo a essa abordagem, surge também um respectivo embasamento sobre o Sistema Socialista e suas contraposições. O Socialismo surge a partir do Liberalismo e do Capitalismo, e seus meios de produção, passando o topo da pirâmide para o proletariado, fazendo uma divisão igualitária de renda. Após isso, o sistema transmuta-se radicalmente para um plano econômico e social sem divisão de classes sociais, e consequentemente sem Estado, que se chama Comunismo. Entretanto, para atravessar esse túnel, faz-se necessário a passagem pelo Capitalismo. Esse sistema econômico gerou diversos antagonistas, contrários às suas doutrinas e ideologias, pois sua existência exige que a concentração da propriedade dos meios de produção esteja nas mãos de uma classe social – no caso a burguesia –, e para a outra classe social, o proletariado, resta apenas a venda de sua força de trabalho, como única fonte de subsistência.

Palavras-chave: Feudalismo; Capitalismo; Economia.

Introdução (Problemática e Objetivos)

Mas como surge esse modelo econômico? A partir do declínio do feudalismo, ou o sistema feudal teve seu declínio a partir do surgimento dessa ideologia de Capital? Diversas são as teorias de como se deu essa transição de sistemas, de meios de produção e de comércio, trabalhada por inúmeros autores nos campos sociais, econômicos e políticos, e estas teses serão analisadas nesse presente artigo, buscando uma melhor compreensão sobre o Capitalismo em seus primórdios, analisando os parâmetros sociais, econômicos e até mesmo religiosos que assistiram nessa transição.

Essa fase da Europa ocidental deu origem a divergentes correntes de pensamento, que visavam, com sua própria interpretação, definir o sistema feudal, apontando os motivos que trouxeram seu declínio, e o sistema capital, levantando suas principais características primitivas, e fatores que levaram sua ascensão. Das principais teorias que visam explicar o

Capitalismo, duas correntes se destacam, representadas por Karl Marx e Max Webber. A corrente marxista discorre sobre o Capitalismo a partir de uma perspectiva histórica, definindo esse sistema como modo de produção de mercadorias e também como um sistema que transforma a força de trabalho em mercadoria. Já Webber busca explicar o Sistema Capitalista a partir de fatores extrínsecos à economia. Para ele o Capitalismo nasce a partir de um modo de pensar as relações sociais e econômicas, geradas a partir das reformas protestantes na Europa, especialmente a de Calvino. A extrema valorização do trabalho, a busca pela vocação profissional para agradar a Deus e alcançar sua salvação individual, o acúmulo de riquezas a partir dessa força de trabalho, formaram o conceito de uma “ética”, que implica em uma aceitação de valores, normas de conduta, que seriam nada mais que a expressão de um “espírito” capitalista.

Contudo não devemos discorrer sobre o Capitalismo sem antes explicar o sistema antecessor e sua crise. Mas o que foi o Feudalismo? Quais as suas características? Para Maurice Dobb, o Feudalismo é “virtualmente idêntico aquilo que usualmente entendemos por servidão: uma obrigação imposta ao produtor pela força, e independentemente da sua própria vontade, para cumprir certas exigências de um suserano [...]”¹ Porém, essa teoria de Dobb foi contraposta por alguns estudiosos, apontados alguns erros nessa definição sobre o feudalismo. Segundo Paul Sweezy (1977), essa definição é falha para o feudalismo enquanto sistema de produção; a servidão existe em sistemas que nada tem de feudal, em diferentes épocas e em diferentes regiões. Engels também contrapõe essa teoria:

[...] é certo que a servidão e a dependência não são uma forma específica medieval-feudal, encontramos-las por toda parte ou em quase toda parte onde os conquistadores possuem a terra cultivada para eles pelos velhos habitantes”.²

Essa definição de Dobb é um conceito muito geral para definir e aplicar ao estudo de uma região particular, durante um período particular, ou seja, ele não define somente um sistema, como pretendia, mas sim vários sistemas que se baseiam ou tem por característica a servidão. Essa situação de servidão, relação econômico-social dos servos com seus senhores, constituiu apenas a base para a organização do modo de produção feudal que se implantou na Europa após as invasões do Século VIII.

Para entender um pouco desse sistema feudal, precisa-se conhecer seu conceito enquanto sistema econômico. Esse conceito foi definido por Jacques le Goff:

¹ Studies in the Development of Capitalism, by Maurice Dobb. New York: International Publishers, 1947. p 35

² Marx – Engels, Selected Correspondence, p.411

Um sistema de organização econômica, social e política baseado nos vínculos de homem a homem, no qual uma classe de guerreiros especializados – os senhores -, subordinados uns aos outros por uma hierarquia de vínculos de dependência, domina uma massa campesina que explora a terra e lhes fornece com que viver. (LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente, p.29)

Outra importante definição sobre esse sistema é a de Marc Bloch:

Feudalismo é um campesinato mantido em sujeição; uso generalizado do serviço foreiro³ em vez de salário (...); a supremacia de uma classe de guerreiros especializados; vínculos de obediência e proteção que ligam homem a homem e, dentro da classe guerreira, assumem forma específica, denominada vassalagem; fragmentação da autoridade – levando inevitavelmente à desordem e, em meio a tudo isso, a sobrevivência de outras formas de associações, família e estado. (BLOCH, Marc. In: LOYN, H.R. Dicionário da Idade Média. p. 144)

Portanto o feudalismo possui várias características que o difere de outros sistemas econômicos, como a descentralização política⁴, a economia agrária, a despovoação das cidades, a supremacia de uma ordem de guerreiros especializados, as relações e vínculos pessoais, e o regime de servidão. Porém, não se pode confundir servo com escravo.

(...) escravo e servo não são a mesma coisa. Sob o ponto de vista jurídico, o escravo não possui liberdade alguma, constituindo uma propriedade de alguém. O servo é uma pessoa semi-livre; não possui liberdade plena, mas, pelo menos, não é um mero instrumento de trabalho. Os servos acasados, isto é, que permaneciam numa terra, poderiam acumular um mínimo para a sua sobrevivência. Apesar disso, tal qual o escravo, sua condição social era péssima. (MACEDO, José Rivair. Movimentos populares da Idade Média. p.19).

Definido então o Feudalismo, segue-se em direção à sua crise e seu declínio. Dobb defende, segundo Paul Sweezy, que o fim do feudalismo surgiu a partir da contradição entre senhores e servos e das relações servis, e não do desenvolvimento do comércio propriamente dito. Dobb diz que:

Foi a incapacidade do feudalismo como sistema de produção, ao lado das crescentes necessidades da classe governante de novas fontes de receita, a principal responsável pelo seu declínio; uma vez que essa necessidade de receitas adicionais veio a aumentar a pressão sobre o produtor ao ponto de esta se tornar totalmente intolerável (p. 42).

E complementa que a consequência desta crescente pressão foi que, “no final, ela

³ Isto é, o feudo

⁴ O Rei, em geral, servia apenas como figura decorativa, visto que, quem comandava o feudo era o senhor feudal. Porém isso não implica que todos os reis do período fossem fracos. Tiveram vários monarcas poderosos, como Filipe, o Belo, da França, e Henrique II, da Inglaterra.

levou a exaustão, ao desaparecimento efetivo da força do trabalho de que o sistema se nutria” (p. 43)⁵.

Vários são os fatores que ocasionaram o lento fim do sistema feudal. Destaca-se alguns, como a falta de mão de obra, devido a fomes, as contínuas guerras e a peste negra, a falta de novas terras, mas principalmente o desenvolvimento agrícola, comercial e artesanal, que fortaleceu a economia. A essência do feudo foi atingida, e em concorrência a ela desenvolvia-se um segmento urbano e mercantil. Portanto o principal fator que acarretou no fim do feudalismo, foi o crescimento do comércio, reestruturado a partir da reabertura do Mediterrâneo, e o desenvolvimento progressivo de um certo individualismo (primeiros sinais do Capitalismo⁶).

Dobb também busca definir de maneira simples o capitalismo, afirmando que ele é um sistema em que os utensílios e ferramentas com que é obtida a produção, são predominantemente de propriedade privada ou individual. Conceituação que se compara com a definição, um pouco mais técnica, de Karl Marx, que o define como um modo de produção cujos meios estão nas mãos dos capitalistas, que constituem uma classe distinta da sociedade. Maurice Dobb, ainda sobre o capitalismo, diz que o processo pelo qual esse sistema se desenvolveu, foi lento e complexo, e suas etapas de transição não foram, de forma alguma, nítidas e perceptíveis, implicando quaisquer transformações políticas.

Nesse contexto de transição do período feudal para o período capital, nota-se duas importantes fases: a primeira é marcada pela mudança das relações servis para as relações livres de trabalho. Em outras palavras a emancipação do servo, pois essas relações de trabalhos baseadas na servidão deram lugar a relações baseadas em contratos e relações assalariadas. Na segunda separa-se de sua propriedade os meios de produção, passando a depender do trabalho assalariado para sobreviver. Esse processo é definido por Marx como “acumulação primitiva”, que levou à criação o proletariado, tendo como auxiliar a desintegração social e econômica dos pequenos produtores.

Nasce então o capitalismo, porém tendo seu apogeu apenas na Revolução Industrial Inglesa. Esse sistema é vigente até hoje, e sofreu diversas mutações ao longo do desenvolvimento tecnológico, mas ele ainda se baseia na venda da força de trabalho como mercadoria, o que pode ser um fator paralelo à escravidão do regime feudal.

⁵ Foi um fator importante a levar os servos a desertar, mas, agindo por si mesmo, dificilmente ocasionaria no fim do Feudalismo.

⁶ Porém o capitalismo só irá surgir como um sistema econômico plenamente constituído, no final do século XVIII. Um dos fatores que atrasaram a ascensão do capitalismo foi a prática da usura, que condenava o lucro.

Referencial Teórico

Para trabalhar com o conceito de feudalismo, serão utilizados inicialmente os autores Maurice Dobb (1946), que defende que o feudalismo é um sistema de produção idêntico ao que entendemos por servidão, uma obrigação imposta pela força. Dobb usa os termos “feudalismo” e “servidão” como praticamente idênticos em todo seu livro, o que é um problema. E será usado também Paul Sweezy (1977), que contrapõe essa ideia de Dobb, e faz a sua definição de feudalismo em cima da definição de Dobb. Ele reconhece a familiarização de Dobb com o termo feudalismo: “Não quero com isto dizer que Dobb não esteja inteiramente familiarizado com o feudalismo da Europa ocidental.”

Para Jacques le Goff (1984), o feudalismo é um sistema baseado nas relações homem a homem, no caráter econômico, político e social; uma classe de guerreiros especializados domina a massa campestre que explora a terra como forma de subsistência. Marc Bloch não se afasta muito dessa premissa de le Goff. Ele vai afirmar que o feudalismo é um campesinato mantido em sujeição à um suserano; caracterizado pelos vínculos de obediência homem a homem, faz-se o uso de serviço foreiro ao invés de salário.

A definição de Ganshof (1976) vai um pouco mais fundo. Ele considera o feudalismo como um tipo de sociedade, cujo suas principais características são o desenvolvimento dos laços de dependência de homem para homem, com uma classe de guerreiros fadados a ocupar os altos escalões dessa hierarquia; um parcelamento máximo do direito de propriedade; uma hierarquia de direito sobre a terra; e um parcelamento do poder público.

Em relação ao declínio do sistema feudal, Dobb será novamente de suma importância, não para servir de ideia base para o desenvolvimento de novas hipóteses, mas justamente para ser desconstruído, devido à sua fraca análise do feudalismo e seu conceito, mas principalmente dos fatores que levaram seu fim. Ignorando totalmente os fatores externos ao sistema feudal, como o desenvolvimento do comércio e das cidades, ele foca nos fatores internos, como as relações servis, e defende que estas, devido a seus conflitos e suas pressões sobre o servo, ocasionaram no fim do feudalismo. De fato essas relações tiveram sua parcela de importância no que se refere ao fim de um sistema. Entretanto, isoladas jamais ofereceriam riscos a esse sistema vigente da Europa medieval.

Definindo o capitalismo encontra-se uma ótima fonte de recursos intelectuais, que é a fonte sociológica de Marx. Partindo de uma visão histórica, ele diz que no capitalismo, os produtos do trabalho tomam a forma de mercadorias, ou seja, no capitalismo há a produção de

mercadorias, e também a força de trabalho se torna uma mercadoria, que alimenta o lucro dos detentores dos meios de produção.

Para Max Webber, o que define o capitalismo não é a busca por lucro, mas sim a acumulação de riquezas. Esse sistema nasce a partir da nova mentalidade na forma de encarar o trabalho, como algo digno e ético, valores fomentados pelo protestantismo de Lutero e Calvino.

Metodologia

As etapas desse artigo compreendem basicamente em analisar o feudalismo e seu contexto social e econômico de uma Europa (ocidental) medieval, buscando sua definição e principais características, a partir da análise de alguns autores que discorrem sobre o tema. Definido o que é feudalismo, segue-se em busca dos fatores que acarretaram em sua extinção, abrangendo tanto os fatores externos à sociedade feudal quanto os internos, e correlacionando esses fatores de declínio feudal com os fatores de ascensão capital, tendo como objetivo analisar quais fatores de um determinado sistemas implicaram nas mudanças do outro. Após esse levantamento do declínio do sistema feudal, faz-se outro questionamento sobre essa transição e os principais traços do capitalismo presentes no decorrer do longo e demorado fim do feudalismo.

Resultados e Discussões

Os principais fatores que levaram ao fim do sistema econômico presente no contexto de Europa medieval foram os fatores econômicos: o desenvolvimento do mercado, e o crescimento do comércio, aplicado nas relações de concorrência dos feudos com as cidades. Mas o que realmente ocasionou o fim desse sistema, foi, os primeiros sinais do capitalismo, como o individualismo econômico, gerado pela concorrência, o crescimento do comércio e a nova “cultura” de acumulação de riquezas.

Conclusão

Em vista disto, percebe-se a importância do estudo dessa transmutação de sistemas sociais e econômicos, de um sistema de níveis de técnicas simples e baratas, para um sistema com um alto nível de crescimento tecnológico; de um sistema de produção para as

necessidades imediatas, para outro que tem por característica o acúmulo de capital a longo prazo; de um sistema de caráter servil, para um de caráter assalariado. Essas mudanças levaram não somente ao fim de um sistema, mas ao fim de mil anos de um período médio, e a passagem para a idade moderna, tendo mudanças não somente nos campos sociais e econômicos, mas também nos campos da literatura, arte, música, filosofia e matemática.

Essa passagem para uma “nova era” também é marcada por vários fatores como as grandes navegações e seus “descobrimientos”, o renascimento cultural e o nascimento do mercantilismo.

Portanto, mesmo que tenha sido um processo extenso e vagaroso, vê-se que foi necessária essa mudança, mesmo que o capitalismo hoje seja opressor e criador da desigualdade social, e da super exploração do operário, ele foi necessário para o rompimento da sociedade com um sistema tardio e retrógrado, e precursor do desenvolvimento científico e tecnológico que vive até os dias de hoje.

Referências

- D'HAUCOURT, Geneviève. **A vida na Idade Média**. Lisboa: Edições de livros do Brasil, 1944.
- FRANCO, Hilário Jr. **A Idade Média: o nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- FRANCO, Hilário Jr. **O feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- GANSHOF, F.L. **Que é o feudalismo**. Lisboa: Europa-América, 1976.
- HEER, Jacques. **A bolsa e a vida**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- HILTON, Rodney. DOBB, Maurice. SWEEZY, Paul et al. **A transição do feudalismo para o capitalismo**. 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HUIZINGA, Johann. **O declínio da Idade Média**. Lisboa: Ulisseia.
- KOSMINSKY, E.A. **História da Idade Média**. Porto: Centro do Livro Brasileiro, s.d.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1984;
- LE GOFF, Jacques. **Mercadores e banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LOYN, H.R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MACEDO, José Rivair. **Movimentos populares da Idade Média**. São Paulo: Moderna, 1994.
- SALINAS, S.S. **Do feudalismo ao capitalismo: transições**. São Paulo: Atual, 1998.
- MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- TUCHMAN, Barbara W. **Um espelho distante: o terrível século XIV**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- WEBBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção a obra prima de cada autor)